

## AS TERMAS DE CONIMBRIGA: TIPOLOGIAS ARQUITECTÓNICAS E INTEGRAÇÃO URBANA

Virgílio Hipólito Correia (Museu Monográfico de Conimbriga)  
Maria Pilar Reis (Instituto de Arqueologia de Coimbra)

### AS TERMAS DO SUL

Em Conimbriga, a mais antiga construção termal até agora localizada corresponde ao período augustano e insere-se no programa de obras públicas que remodelou um zona central do povoado da Idade do Ferro. O povoado da idade do ferro é inicialmente beneficiado por obras que, ainda que de envergadura moderada, começam lentamente a diluir os traços indígenas do planalto, aproveitando num primeiro momento os loteamentos existentes mas redimensionando-os paulatinamente. A primeira transformação, a que deve ter causado maior impacto psicológico nos seus habitantes, corresponde à fase augustana (nada sabemos de uma arquitectura tecnicamente romana que tenha aqui existido entre 136 a.C. e Augusto).

Ao final do séc. I a.C. corresponde a construção de três importantes elementos, o *forum* de modelo vitruviano com o templo a norte e basílica a nascente, com um espaço a oeste dedicado às lojas comerciais, o aqueduto que moldará em parte o urbanismo da cidade e por fim as termas do Sul (Fig. 1).

As primeiras termas públicas edificadas no *oppidum* de Conimbriga, nascem inseridas num programa de obras públicas que irá remodelar parte significativa da estrutura urbana do antigo núcleo. A sua construção corresponde a um primeiro passo na remodelação urbanística segundo novos conceitos arquitectónicos, onde o contraponto entre os vários edifícios públicos se impõe, com as novas funcionalidades que a vida romana traz. A introdução deste novo tipo de edifício (as termas), associada a uma vontade de conquista do território e afirmação do novo poder teve também um vertente propriamente cultural, como tal a sua simbologia ultrapassa os âmbitos estritos da sua funcionalidade e da sua monumentalidade.

Devemos olhar para as termas como elementos vivos na trama urbana que, devido às suas características (como por exemplo a necessidade de áreas aquecidas e o combustível para tal necessário, a quantidade de água utilizada) e à frequência das suas remodelações se transformam rápida e repetidamente, e aproveitam as novidades construtivas que a necessidade impôs. Este factor faz com que surjam tipologias "originais" adaptadas à região geográfica onde se inserem, ajustando-se às condicionantes naturais. Como tradução física deste facto poderemos apontar na construção termal de Conimbriga a criação de vastas áreas porticadas dando acesso aos ambientes exteriores, providenciando assim uma utilização cómoda do espaço numa

zona de clima algo rigoroso e onde a pluviosidade é abundante.

### Esquema funcional

Optamos por fazer uma descrição do percurso em detrimento de uma enumeração exaustiva das características arquitectónicas deste complexo, já que ele foi extensamente publicado nas *Fouilles de Conimbriga* {1}.

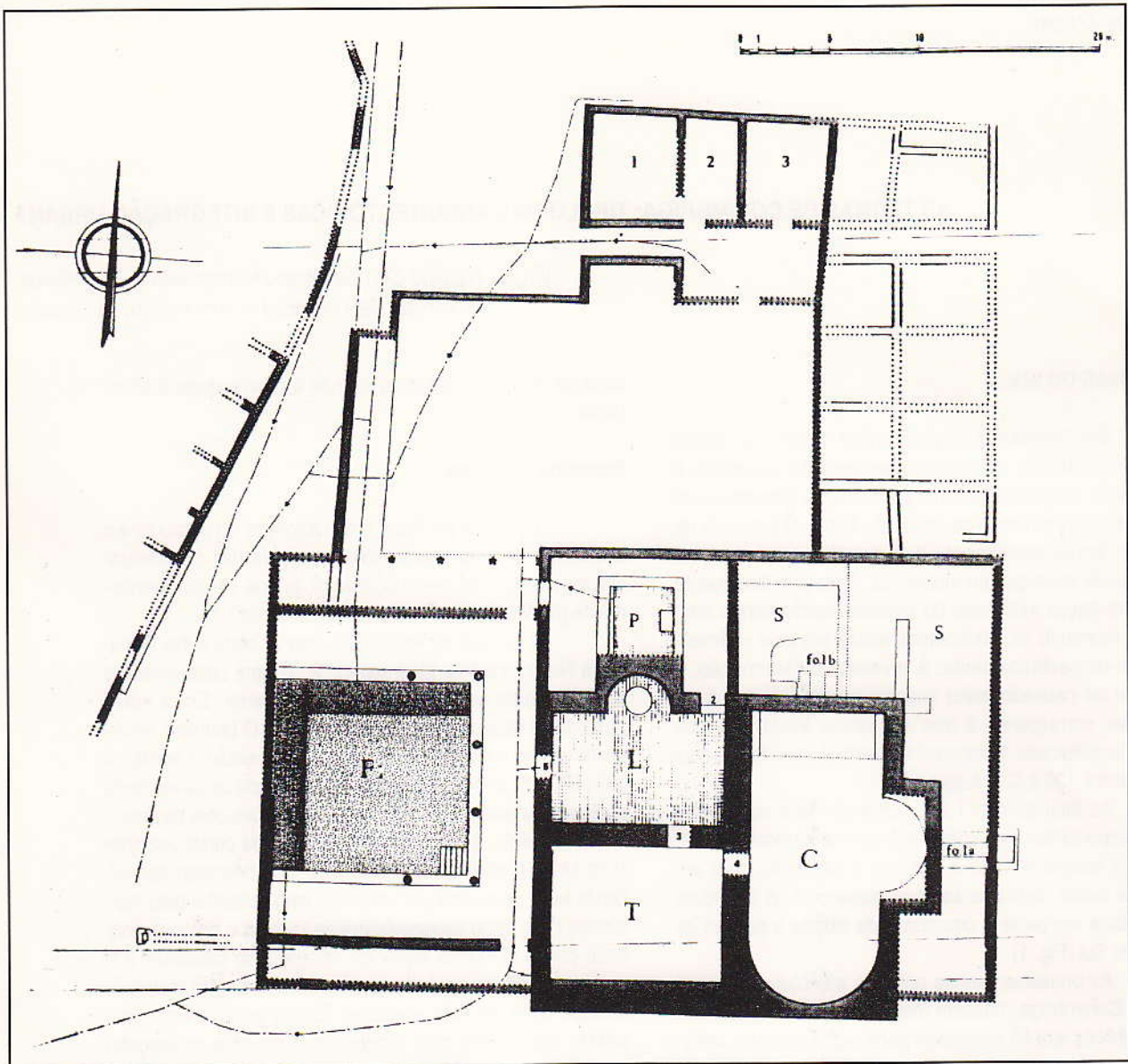
A entrada no recinto era feita a Oeste e era ladeada, a Norte, por três *tabernae* (1, 2, 3), que possivelmente serviam como espaços de apoio ao utente. Entre estes poder-se-ia localizar um *destrictarium* (?). O banhista, encaminhando-se para a zona sul, encontrava então o acesso à palestra (PI), onde, através de uma entrada possivelmente porticada, acedia a uma sala com *pediluvium*, com pavimento em mosaico, que aparentemente serviria como *apodyterium* (Ap), e onde poderia iniciar o seu percurso termal. Desta sala, passando por uma sala com *labrum* e pelo *tepidarium* (Tp), onde passageiramente tomava o primeiro contacto com o ambiente aquecido, chegaria ao *caldarium* (Cl) onde se banharia na água quente do *alveus* (Alt) instalado no topo norte da sala absidada. Estaria então pronto para passar novamente pelo *tepidarium*, uma sala rectangular com 6,90 m x 9,45 m, talvez com uma pequena piscina encastrada na parede Oeste, e toda ela de paredes revestidas com *tegulae mamatae*. Podia posteriormente refrescar-se no *labrum*, colocado descentrado na absida da sala seguinte, sair para a *natatio* (Nt) e tomar um banho à temperatura ambiente. Este espaço porticado era constituído por uma piscina de água fria de planta quadrangular (10,25 m x 10,25 m) com uma profundidade que varia entre o 1,60 m e o 1,65 m. O pórtico corria três dos seus lados; o muro oeste da piscina confunde-se num com o muro de limite das termas. Este esquema oferecia um certo conforto ao banhista contra as intempéries, já que fora da água se encontrava abrigado pelo pórtico. Deste restam as marcas das bases de coluna (com 0,45m de diâmetro) nos muros Norte e Este da piscina. O banhista poderia agora fazer alguns exercícios na palestra ou apenas relaxar ou depilar-se num dos espaços reservados junto à entrada do edifício.

Estas termas, que seguem um plano simples e ordenado, do tipo II segundo as tipologias de Kreencker {2}, isto é sequencial angular, permitem em percurso lógico dos seus espaços, confirmando a sua influencia das termas do séc. I a.C. da Campania, apresentando como seria de esperar, soluções diversas, como por exemplo um *frigida-*





Fig. 1



rium rectangular e não circular como os das termas de Pompeia. As *suspensurae* do *tepidarium* e *caldarium* apresentam um esquema que recorda as Termas Stabianas e as do Forum de Pompeia, correspondendo portanto a uma estrutura de tipologia pré-augustana {3}.

Este complexo termal vai-se afirmando no plano da cidade como um edifício opulento, ainda que de reduzidas dimensões, que marcará o primeiro projecto de obras públicas.

### AS TERMAS DA MURALHA

Talvez na transição da época júlio-claudia para a flaviana, Conimbriga vê nascer um outro sector termal, as termas da muralha (Fig. 2). Infelizmente não dispomos de dados exactos da data da sua construção, mas pela sua tipologia e elementos compositivos aparenta ser um edifício de transição entre as termas augustanas e as trajânicas.

Esta construção insere-se provavelmente num momento em que a cidade adquire o seu estatuto municipal, por volta de 77 d.C., transformando-se em Flavia Conimbriga. Este processo é de vital importância para as transfor-

mações da malha urbana da cidade, o seu novo estatuto quebra o equilíbrio anterior entre o núcleo indígena e o romano.

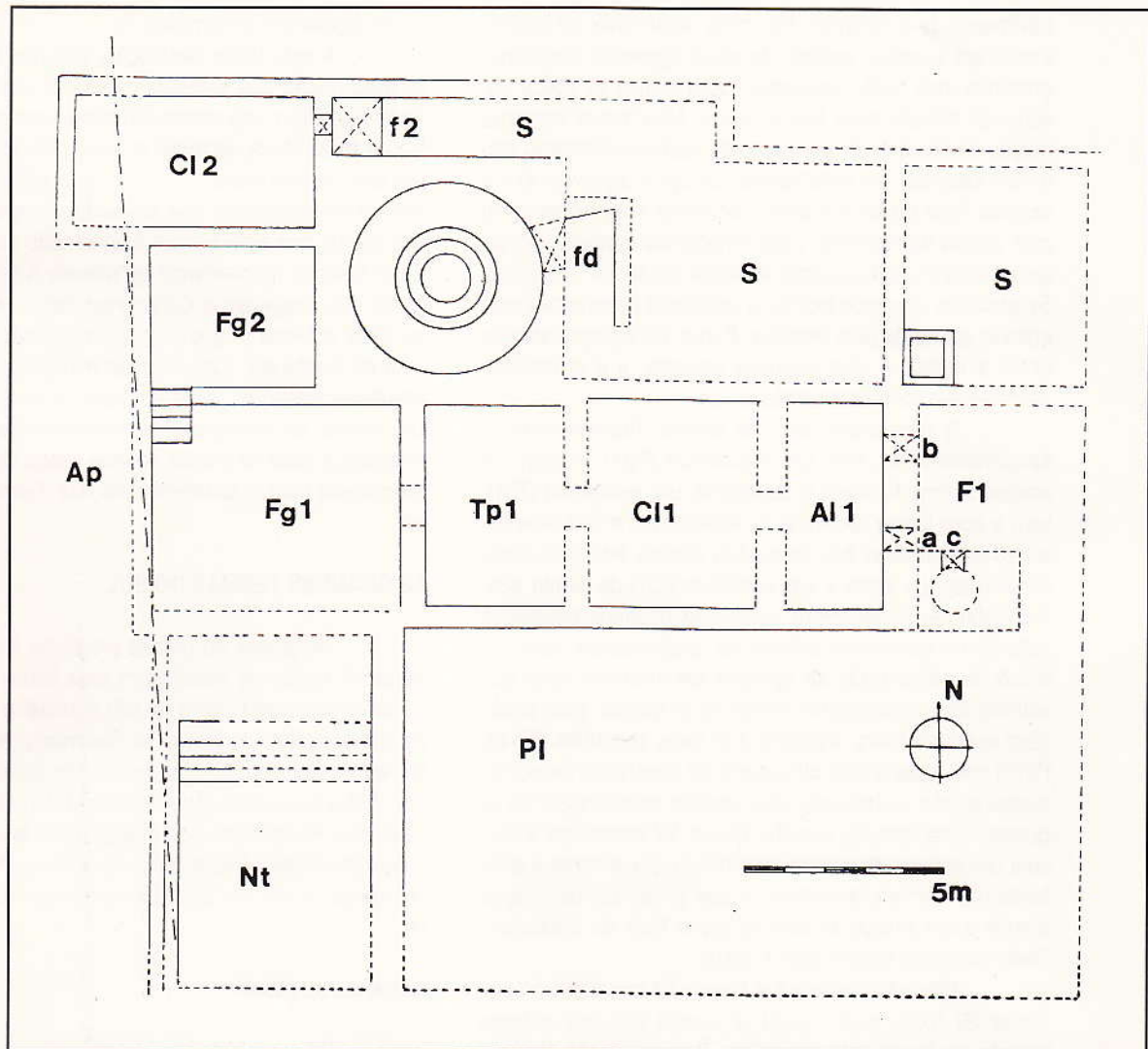
Digamos que até agora se assiste ao processo de sedução (a "coexistência augusteana"), onde expressões arquitectónicas como as termas exercem sobre o povo um fascínio e uma curiosidade quase infantil, que se transforma numa necessidade o que proporciona uma abertura a novas ideias e à instalação de uma filosofia diferente. Se conjecturarmos que Flavia Conimbriga vive um momento de crescimento a vários níveis, talvez também demográfico, as termas augustanas começam a ser "pequenas", quiçá não no verdadeiro sentido da palavra, mas num significado lato. É aliás perfeitamente natural que esta cidade tivesse necessidade de mais do que umas termas públicas.

As termas da muralha sofreram ao longo da sua existência um percurso complexo. Com uma implantação urbana marginal (mas localizadas talvez junto ao *forum* municipal) zona marcadamente ocupada por uma classe abastada, foi-lhes conferida uma certa imponência e houve preocupação artística na ordeação interna dos espaços.





Fig. 2



### Esquema funcional

Limitada a Oeste por uma via, do outro lado da qual se situava a Casa de Cantaber e a Norte por uma segunda via na qual desembocam uma série de estabelecimentos comerciais (*cauponae* ?) adossados à Casa dos Esqueletos Este edifício que tem um esquema sequencial axial, do tipo I de Kreencker {4} ocupa uma área de 25 m por 20 m, ou seja, cerca de 500 m<sup>2</sup> segue um programa construtivo com paralelos no *forum* flaviano. De facto algumas placas de mármore que se conservaram *in situ*, correspondem ao mesmo tipo das utilizadas no *forum*.

Especialmente, as termas da muralha, distribuem-se em dois sectores, que interpretamos como uma zona masculina e uma zona feminina.

Inicialmente deveria existir uma zona de acesso aberta à via da Casa de Cantaber. Talvez se tratasse de um ambiente rectangular que juntasse as funções de entrada e *apodyterium* (Ap). Este ambiente, destruído pela muralha, comunicava com o *frigidarium* (Fig. 1) e talvez com a área externa ocupada pela *natatio* (Nt). Este *frigidarium*, tem um planta rectangular e seria revestido com placas de mármore, das quais restam fragmentos junto às paredes Oeste y Norte. Uma escada a Norte, de três degraus, comunicava com um segundo espaço, também este não aquecido direc-

tamente. Salienta-se que a Este se conservam as marcas da implantação de uma soleira de uma porta que, possivelmente, permitia o acesso à zona aquecida das termas masculinas. Por fim esta sala, que nós interpretamos como *frigidarium* seria o espaço que divide os acessos às termas femininas e masculinas. As primeiras são enriquecidas com um outro ambiente não aquecido, ou talvez aquecido indirectamente pelas condutas do *laconicum* (Lc), e podemos atribuir-lhe a função de um *frigidarium* (Fig. 2) aquecido pois não tem estruturas que justifiquem a sua função de *tepidarium*. Este ambiente dará acesso ao *caldarium* (CI2) feminino. O acesso não é muito claro, encontrando-se possivelmente oculto pela muralha. O *caldarium* é aquecido por uma fornalha (Fo2) que, pela sua estrutura, teria a dupla função de aquecer o ar e sustentar uma caldeira de água utilizada num *alveus* do *caldarium*, acualmente destruído. A este *praefurnium* tinha-se acesso por um estreito corredor que forma, junto à fornalha, um pequeno espaço de planta quadrangular (S2). O acesso seria feito pelo exterior das termas, o que é bastante compreensível. Contudo não temos dados suficientes sobre o limite Norte da termas. O *caldarium* feminino era constituído por uma *suspensurae* sustentada por arcos feitos em tijolo (*bipedalis*) sobre a qual assentava um nível de *imbrex*, com a cobertura virada para baixo que permitiam uma melhor circulação do ar junto do





pavimento de circulação. Por cima deste nível de imbrex existe um espesso estrato de *opus signinum*, bastante grosseiro mas muito resistente sobre o qual se aplica um segundo estrato mais fino e polido. Não temos certezas quanto á cobertura do pavimento do *caldarium* feminino, isto é não sabemos se este estrato de *opus signinum* era o aspecto final ou se era ainda recoberto com mosaico ou com placas de mármore. Desconhecemos também se este sector feminino tinha acesso separado do sector masculino. Se assim for devemos teorizar a existência de uma segunda entrada destruída pela muralha. Porém os espaços abertos como a *natatio* e uma pequena palestra, e o *laconicum*, deveriam ser comuns a ambos sexos.

A zona masculina das termas, desenvolvem-se sequencialmente, com um *frigidarium* (Fg1), espaço de acesso à zona feminina e masculina, um *tepidarium* (Tp1), com a zona Oeste escavada no afloramento e com *suspensurae* sustentadas por pequenos pilares em tijolo onde assentavam os arcos e um *caldarium* (C1) de planta quadrangular. A divisão entre estes dois espaços aquecidos nota-se no pavimento inferior da *suspensurae*, com um bloco de pedra onde se apoiava um arco em tijolo que estrangulava a passagem inferior do ar quente. Este *caldarium* masculino era aquecido por duas fornalhas (Fo1a; Fo1b) colocadas a Este com muros de suporte no interior da *suspensurae*, permitindo uma melhor canalização do ar quente. Uma terceira fornalha (Fo1c) foi construída a Sul, com um sistema de suporte de caldeira, semelhante á existente nas termas femininas, o que proporcionaria água quente a um alveus situado na parte Este do *caldarium*. Deste elemento restam alguns traços.

Um outro espaço das termas da muralha é o *laconicum* {5} (Lc1), para o qual se acedia por uma entrada situada no *tepidarium* masculino. Este ambiente circular, aquecido por uma fornalha (Fo1d) independente com planta em L, apresenta três degraus, todos eles revestidos com placas de calcário branco. O aquecimento era feito pela circulação de ar quente na zona envolvente à estrutura central. Pomos a hipótese deste ambiente ter abastecimento de água. Existe uma canalização a ele associada, como também um escoamento lateral do fundo do *laconicum*, talvez de limpeza. Por outro lado são visíveis na parede Oeste as marcas de dois nichos, onde poderia ter estado instalado algum jogo de água e decoração estatuária.

Outra zona essencial nas termas públicas são as áreas abertas. Nas termas da muralha detectamos um amplo espaço situado a Sul da estrutura, possivelmente porticado, associado com a *natatio* (Nt) pelo menos na sua face Oeste, onde são ainda visíveis a moldura externa da parede que define o limite da área da *natatio*.

A área de serviço (S1) das termas masculinas situa-se toda ela na zona Este do complexo. Detecta-se um divisão a Este, com um pequeno tanque (Tq1) que teria acesso pela zona Este e Norte das termas, correspondendo à via da Casa dos Esqueletos.

Este complexo termal é de difícil interpretação por ter sido parcialmente destruído pela muralha baixo imperial que terá entulhado toda a estrutura e que oculta a zona de acesso ao edifício. De facto a muralha deixa marcas do torreão no fundo da *natatio* e conserva no seu núcleo a parede limítrofe Oeste onde se encontra uma porta de ac-

so (ao *frigidarium/apodyterium*?).

A esta factor destruição, que nos fornece a data de desativação das estruturas, junta-se um factor natural. Parte do edifício está construído sobre uma gruta natural da qual, a dada altura, se abate o tecto, provocando uma fractura que danifica todas as estruturas o edifício, provocando fortíssimas distorções nas altimetrias originais. Podemos pois concluir que este edifício é construído pouco depois do forum flaviano, aproveitando certamente a remessa de mármore que chegaram a Conimbriga para o novo programa de obras públicas (o que parece ter acontecido também na casa de Cantaber). Estas termas públicas assentam sobre estruturas anteriores, entre as quais se conserva um estrutura circular de funcionalidade desconhecida, e um tanque revestido a *opus* no interior do qual passa uma canalização relacionada com o abastecimento das Termas da Muralha {6}.

## AS GRANDES TERMAS DO SUL

Integradas no grande programa flaviano de renovação do centro do *municipium*, mas construídas (ou concluída a sua construção) já sob o reinado de Trajano, o grande equipamento termal de Conimbriga são as grandes termas do Sul (Fig. 3), que substituem as termas augustanas. A sua escavação {7} e impõe-se referir o trabalho publicado nas Fouilles de Conimbriga, que torna redundante outras descrições. Pouco mais nos resta que vestir, ou melhor, despir, o traje do banhista e percorrer os seus ambientes.

### Esquema funcional

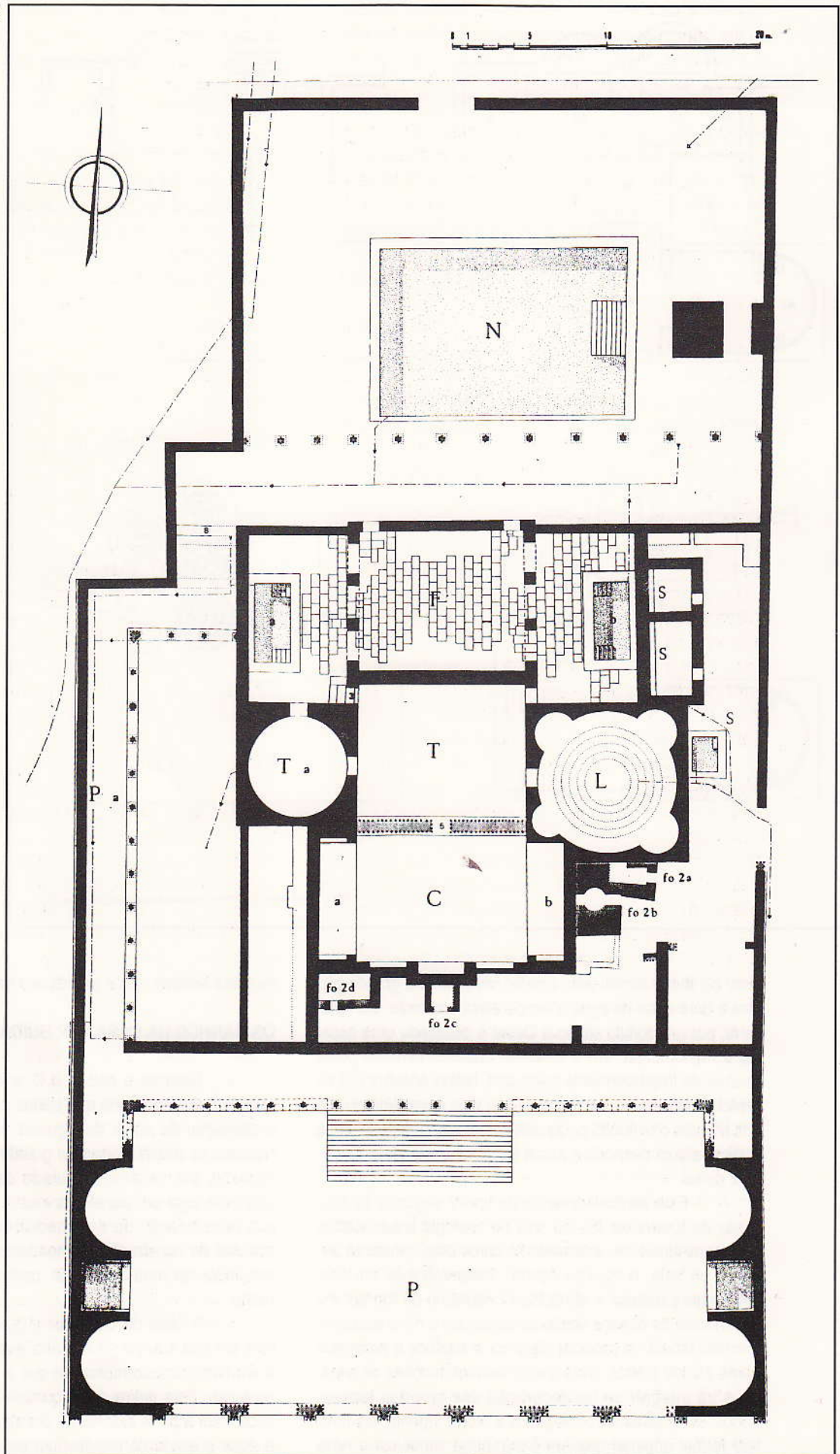
Se o banhista de Conimbriga pretendesse consumir o seu ritual de banho diário no estabelecimento publico mais monumental da cidade iria encaminhar-se até a rua a Norte das termas e entrava pela grande porta que dava acesso directo a uma ampla área (de 859 m<sup>2</sup>) de planta rectangular ocupada ao centro pela grande *natatio* (Nt), de 15,90 m por 10,75 m com sete degraus de acesso ao seu interior. Percorria esta "esplanada" até a zona porticada e poderia escolher entre duas portas de acesso ao *frigidarium*, onde se despidiria e poderia deixar os seus pertences nos nichos que se reconstituem na parede sul desta sala. Este ambiente teria a dupla função de *frigidarium* e *apodyterium* (Fg/Ap). Nesta sala poderia escolher a porta da direita (Oeste) ou da esquerda (Este) e entrar no *tepidarium* (Tp1) de planta rectangular, e depois da passagem pelo ambiente tépido, poderia optar entre entrar no *caldarium* (C1) propriamente dito ou no *laconicum* (Lc) que se situa a Este do *tepidarium*. Este *laconicum* de estrutura semelhante aos das termas da muralha mas de dimensões monumentais, insere-se num círculo interno de 9m, decorado com quatro exedras de planta semi-circular cujos diâmetros são irregulares. Diametralmente oposto ao *laconicum* encontraria um segundo *tepidarium* (Tp2) de planta circular, com 6,46 m de diâmetro interior.

Caso optasse por entrar directamente no *caldarium*, o banhista teria uma sala rectangular ladeada por dois *alvei* (Al) de água quente, onde poderia banhar-se. Por fim deveria percorrer em sentido inverso todo o espaço longitu-





Fig. 3



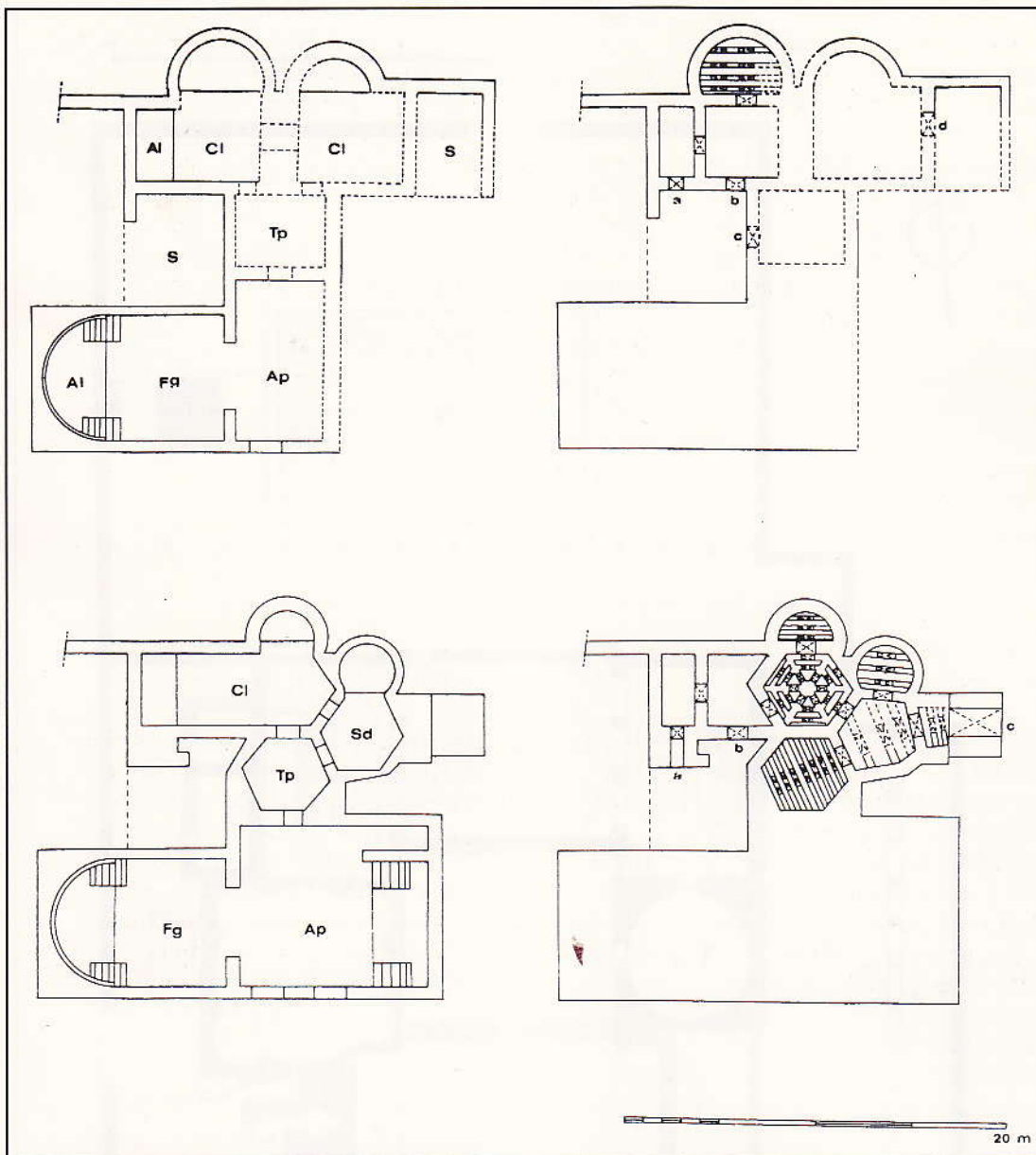


Fig. 4

dinal do sector termal para aceder novamente à grande piscina e banhar-se na água a temperatura ambiente. Da *natio* ia, por um pórtico situa a Oeste e descendo uma escadaria monumental, até à *palestra*, onde certamente podia usufruir da impressionante paisagem. Nesta *palestra* (PI) de grandes dimensões orientada para o vale encaixado do Rio dos Mouros o banhista podia deleitar-se com um passeio ou praticar algum desporto e assim terminar a sua visita às termas do sul.

Este estabelecimento, do tipo V segundo as tipologias de Kreencker {8}, ou seja de tipologia linear subtipo axial semi-simétrico, apresenta-se como uma constante ternária, ou seja, o espaço central desenvolve-se em dois ambientes paralelos e idênticos. O equilíbrio de formas e a importância do espaço aberto caracterizam o novo estabelecimento termal. A palestra dignifica e explora a paisagem numa atitude teatral, onde o vale assume funções de cenário e irá integrar-se na decoração das próprias termas. Todos estes parâmetros seguem a moda vigente, do novo tipo termal imperial que em Conimbriga simboliza a nova era em que se vive, correspondendo a uma maior romanida-

de "uma audácia que é permitida e bem acolhida".

### OS BANHOS DA CASA ATRIBUIDA A CANTABER

Durante o séc. II d.C. a cidade de Conimbriga assiste a um fenómeno que traduz as mudanças sociais e a afirmação de poner de algumas famílias na teia urbana. Nascem na cidade *domus* de grande opulência. A casa dos repuxos, um cenário articulado de espaços onde cada ambiente joga um papel funcional e representativo {9}, na sua remodelação de data hadriânica, a julgar por algum material de construção (nomeadamente *tegulae mamatae*) recolhidas na zona Norte (A9), pode ter sido dotada de *balneae*.

A casa de Cantaber {10}, é um outro dos exemplos em que a arquitectura narra esta evolução. Esta última é um outro dos exemplos em que a arquitectura narra esta evolução. Esta última é enriquecida com belos jardins que circundam a parte externa da *domus* num estilo sóbrio onde a água é aliada da arquitectura de jardim e se transforma em elemento arquitectónico. No fim do séc. II d.C. esta





*domus* sofre remodelações, entre as quais parece contar-se a construção de umas termas privadas, sacrificando o grande *viridarium*. Vive-se num momento de grande intensidade construtiva, onde as novas técnicas permitem a ousadia de formas. Neste panorama as termas são também um bem pessoal, um fenómeno generalizado transportado do âmbito público para o privado, um individualismo justificado pela necessidade crescente de maior comodidade do espaço doméstico. Os banhos provados correspondem também ao enquistamento das distinções e da segregação entre *honestiores* e *humiliores*, que se agrava ao longo do período antoniniano.

### Esquema funcional

Os *balnea* da Casa Cantaber apresentam na sua fase original todos os ambientes que caracterizam os complexos termas públicos. Uma sala ampla com funções de *apodyterium* (Ap1) ao qual se chega por um pórtico que une a casa ao *balneum*. Este primeiro ambiente permite a entrada no *frigidarium* (Fg1) no qual se construiu um *alveus* (Al1a) absidado de água fria, onde se entra por duas escadarias laterais. Novamente o *apodyterium* serve como elemento de ligação entre as zonas frias e aquecidas. Esta última zona é composta por um *tepidarium* (Tp1) de pequenas dimensões, talvez porque apenas serve como zona de primeiro contacto com o ambiente aquecido. Desta sala acede-se para o *caldarium* (Cl1) duplo, formado por dois ambientes quadrangulares e absidados a Oeste. O *caldarium* Sul tem um *alveus* (Al1b) de água tépida.

O sistema de aquecimento deste edifício deve ter apresentado, na primeira fase, algumas dificuldades de funcionamento, o que se poderá justificar pelo elevado número de fornalhas construídas. Num espaço contíguo ao *caldarium* Sul localizam-se três fornalhas, uma para o *alveus* (Fo1a), outra para o *caldarium* (Fo1b) e uma terceira que aquece o *tepidarium* (Fo1c), pois as fornalhas do *caldarium* estão construídas de tal forma que impediram a circulação do ar quente até o *tepidarium*, obrigando o seu construtor a realizar uma fornalha específica para este último ambiente. Uma quarta fornalha (Fo1d) aquece o segundo *caldarium*, situada a NO. O complexo ocupa uma área total de 14 m x 18 m (num total de 252 m<sup>2</sup>).

### Fase de remodelação

Nos fins do séc. III ou inícios do IV, a casa de Cantaber sofre profundas remodelações na sua estrutura, em consequência da construção da muralha baixo-imperial. O sector termal é também afectado, aumentando a sua área e afectando principalmente a disposição de fornalhas, o sistema de aquecimento e as *suspensurae*. Esta intervenção demonstra claramente a actividade de reparação e reconstrução desde tipo de edifícios, que devido à sua funcionalidade específica requerem uma manutenção contínua. Nesta segunda fase o *apodyterium* (Ap2) é aumentado e enriquecido com um segundo *alveus* (Al2a) de água fria, só que de planta quadrangular. A grande remodelação ocorre nos ambientes aquecidos com a transformação do *tepidarium* (Tp2) numa sala hexagonal. O duplo *caldarium* (Cl2) é transformado num só, aproveitando parte do anterior *caldarium*

Oeste e com uma ábside de menores dimensões, a sua parede Norte é também ela parte de um hexágono. Esta expansão permite o alargamento do espaço aquecido e a construção do que interpretamos como um *sudarium* (Sd2) absidado. O aquecimento destes espaços é totalmente remodelado. O *caldarium* propriamente dito mantém a fornalha (Fo2a) do *alveus*, mas transformada numa fornalha de corredor, onde terá sido colocada uma caldeira. A segunda fornalha (Fo2b) está agora protegida por um muro lateral. Por fim a fornalha do *tepidarium* é fechada por já não ter utilidade. O *sudarium* é aquecido por uma grande fornalha (Fo2c) colocada al Noroeste do complexo. Todas as *suspensurae* se adaptam à nova arquitectura formando na zona do *caldarium* uma planta concêntrica que permite uma circulação radial do ar quente. Esta é talvez uma das imagens mais conhecidas de Conimbriga. O pavimento é construído, à semelhança do das termas da muralha, com *imbrices* sobrepostos por uma espessa camada de *opus signinum*.

Podemos imaginar a beleza deste complexo privado que na sua volumetria se apresentava como um surto de semi cúpulas agregadas.

### AS TERMAS DO AQUEDUTO

Já no séc. IV, a zona Norte da cidade é enriquecida com um novo complexo termal, certamente de carácter público que se sobrepõe a um estabelecimento termal anterior, que não é possível reconstruir (Fig. 5). Junto ao *castellum aquae* as termas do aqueduto {11}, no seu aspecto posterior à construção da muralha baixo-imperial, ocupam uma área de 500 m<sup>2</sup>, o que terá constituído uma importante redução da área relativamente ao complexo demolido que vieram substituir.

### Esquema funcional

A entrada neste complexo termal deveria efectuar-se pela via localizada a Oeste, a qual contornava uma área habitacional. A sua planta aproxima-se ao tipo II de Kreencker {12}, ou seja sequencial angular e nela se destaca um corpo isolado formado por quatro ábsides inseridas num quadrado adjunto ao resto do edifício {13}. O acesso, não muito claro, era talvez efectuado por um *apodyterium* (Ap) de pequenas dimensões que, através de uma porta, conduzia ao *frigidarium* (Fg), um ambiente de planta rectangular e bastante amplo, delimitado a Sul pela parede do aqueduto. No *frigidarium* a Oeste existia um *alveus* (Al1) de água fria, bastante profundo. Devemos porém imaginar que a cota actual não corresponde à do edifício original, já que nalgumas áreas podemos observar a sapata de fundação dos muros. Do *frigidarium*, o banhista poderia deslocar-se à *natatio* (Nt), a Este, decorada com uma pequena ábside ladeada pela escadaria de acesso e onde deveria brotar uma pequena fonte, ou poderia aceder à zona aquecida, através de uma porta colocada na saliência do corpo central, com recorte em ábside. Esta última foi construída como um bloco independente e de acordo com a seguinte funcionalidade: as duas primeiras ábsides opostas mais próximas do *frigidarium* seriam a zona destinada a *tepidarium* (Tp), a localizada a Oeste suportava certamente um *alveus* (Al2?) de água tépida, já que se notam as marcas de um antigo





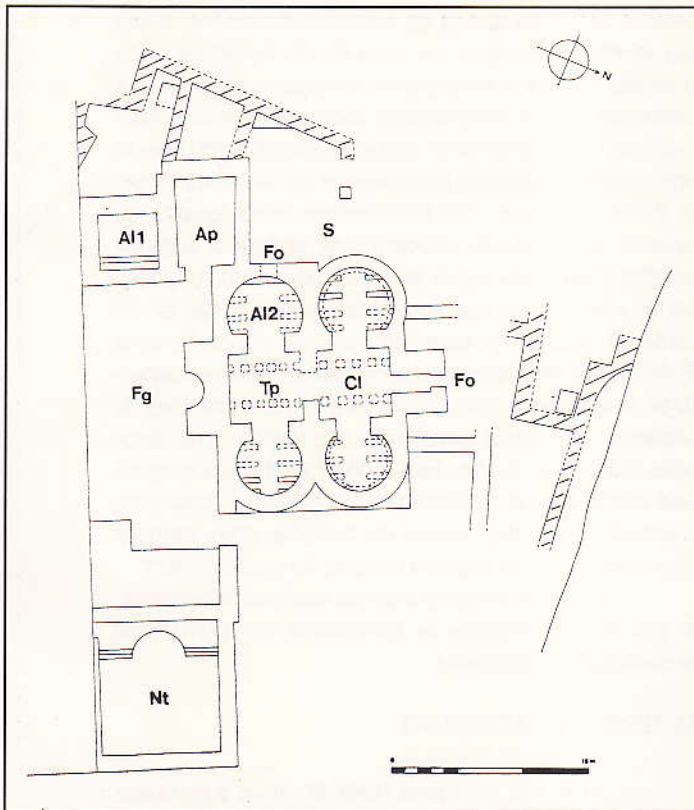


Fig. 5

escoamento de água e talvez existisse uma pequena fornalha que egecia a água do *alveus*. A *suspensura* é feita com pequenos arcos. O *caldarium* (Cl), o par de ábsides a Norte, repete o mesmo esquema do *tepidarium* e é directamente aquecido por uma fornalha (Fo) de corredor, com a boca virada a Noroeste. A zona externa, seria ajardinada e na zona Oeste do complexo deveriam encontrar-se as zonas de serviço (S), pois é nesta área onde se encontram os escoamentos {14} e o acesso à fornalha do *caldarium*.

As dimensões deste complexo, são reduzidas, mas a sua disposição e a existência de um grande *frigidarium* levam-nos a pensar que estamos perante umas termas públicas, destinadas a servir o sector Norte da cidade e que, por outro lado, são as mais próximas do eixo viário *Sellium/Aeminium*.

Do edifício alto-imperial nada se conhece de arquitectura, mas existem alguns elementos. Em 1936 foi encontrada por V. Correia uma inscrição{15} esculpida numa placa rectangular de calcário liso, onde se lê REME-TIBVS/AUG(ustis). Trata-se de uma dedicatória localizada num lugar publico, e que levou o autor da sua descoberta a considerar este edifício como umas termas publicas. Neste caso não restam muitas duvidas que estes *Remetes* são divindades ligadas à água e que "fazem parte dessa longa lista de divindades aquáticas na qual o Norte de Portugal é extremamente rico". Para além disso esta inscrição mostra quanto era importante em Conimbriga a herança religiosa céltica. Esta inscrição está datada do séc. II d.C. Outro elemento que pode corroborar a datação deste sector termal é o achado de uma moeda do primeiro ano de reinado de Caracalla em limpezas junto à muralha, aparentemente associada às estruturas das termas preservadas sob a muralha. A construção destas termas deve corresponder ao

fim do séc. II ou aos inícios do III, e terão sido remodeladas quando a construção da muralha Baixo Imperial cortou o quarteirão em que se inseriam. É bem possível que as actuais Termas do Aqueduto nos mostrem duas fases de construção, tendo-se conservado da primeira fase a zona do *frigidarium* e numa segunda fase a remodelação do sector aquecido e a construção da *natatio*.

## A INTEGRAÇÃO DAS TERMAS NA TRAMA URBANA DE CONIMBRIGA

O urbanismo de Conimbriga responde a uma estrutura triangular cujos eixos são a estrutura longitudinal do planalto correspondente ao povoado pré-romano e dois vectores da via *Olisippo-Bracara* que, passando à margem deste, vieram a tornar-se duas ruas estruturantes da cidade post-augustana, em especial daquela zona que se urbanizou desde cedo, com edifícios de destino comercial a manufatureiro, logo remodelados em grandes residências (Fig. 6).

A implantação das construções termais nesta estrutura fez-se, como vimos, em momentos distintos:

- A construção das termas do Sul, no período augustano, corresponde à monumentalização do centro do velho *oppidum* indígena, fazendo com o *forum* o conjunto essencial desta monumentalização, a que se adicionará, avançado o período julio-claudiano, o anfiteatro.

- Os finais do séc. I e os inícios do séc. II assistem à construção dos dois novos estabelecimentos localizados no *vicus novus* {16}, paralela à renovação das construções imperiais no centro da cidade. Se a este momento associarmos a possível construção de um *forum* municipal, verosimilmente também na zona este da cidade, podemos desenharmos a rede de polos de actividade pública que estruturariam a vida de Conimbriga no período alto-imperial, só em função do qual é possível compreender a estrutura urbana no seu todo e, principalmente, a implantação das residências de maior qualidade e investimento artístico e arquitectónico.

O "centro" da cidade de Conimbriga é um conjunto de espaços irregularmente articulados que vão da praça frente às casas de Canteber e dos Repuxos à praça a Sul do *forum*. Nada pode haver de menos hipodâmico. Todavia, tal como um *decumanus maximus*, daqui se acede às principais portas da cidade, ao(o) *forum(a)*, para aqui abrem as principais residências, "perpendicularmente" a este eixo se estrutura a restante rede urbana e, para o que aqui nos interessa, por aqui mas não directamente se acede aos edifícios termais que, a esta luz, se mostram regularmente distribuídos.

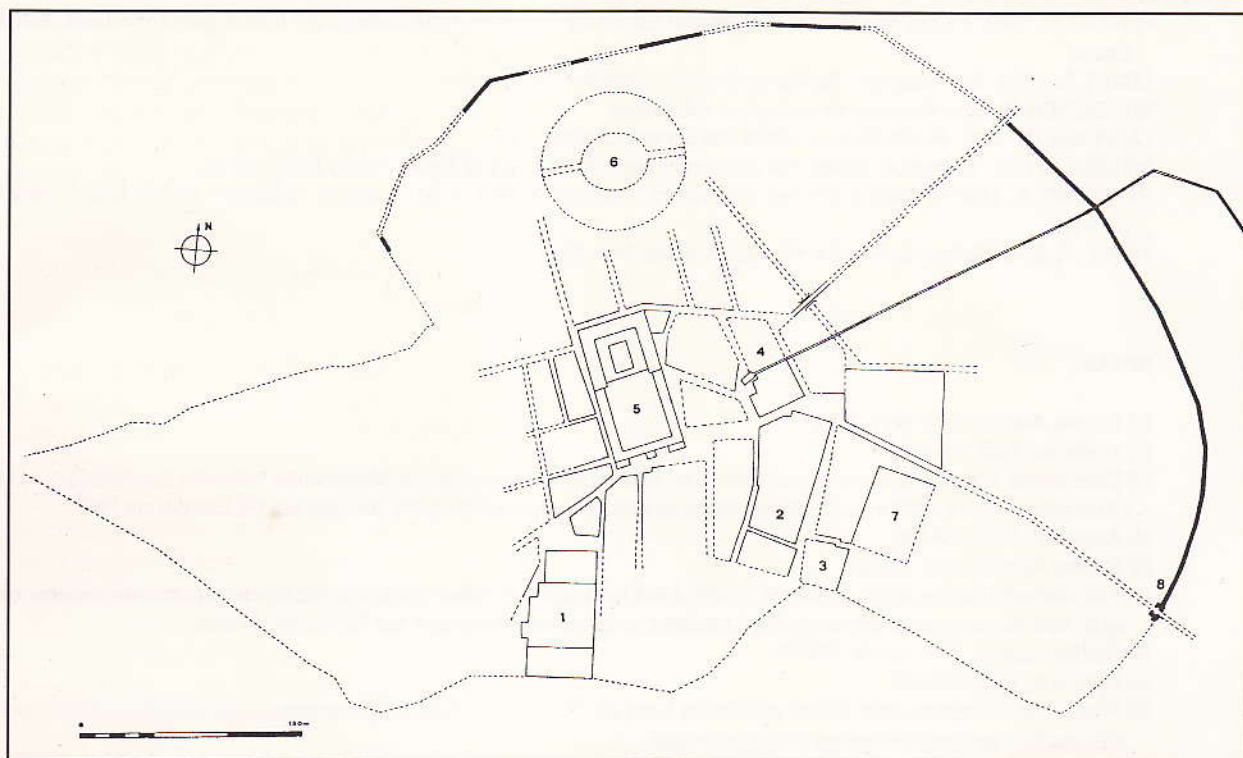
Esta distribuição regular constitui, portanto, um "sistema de actividades" {17}; a regularidade de distribuição do cenário indica a regularidade das actividades. Sabemos, obviamente, que esta regularidade de actividades chega até à regulação jurídica do usufruto das instalações públicas, mas é urbanisticamente relevante o facto de haver planificação desta regularidade.

O sistema de cenários das termas cruza-se com outro: o dos grandes monumentos públicos (anfiteatro, *forum*). Ora, o programa urbanístico flavio-trajânico, com a





Fig. 6



extraordinária ampliação das termas do Sul, às quais foi adicionada o grande *xystus*, articula fisicamente os dois sistemas e também os dois sistemas de actividades. Isto desenha-nos no essencial a estrutura "processional" da actividade urbana, em particular a da elite {18}, em função da qual o anti-hipodamismo do desenho da rede viária é irrelevante. E precisamente a criação de todo este vasto cenário de representação social que constitui a revolução flaviana {19} do urbanismo de Conimbriga (mais do que as intervenções particulares nos monumentos, que foram, todavia, de uma extraordinária amplitude).

No espaço de tempo que medeia do final do séc. II ao final do séc. III houve três termas publicas em funcionamento: as grandes termas do Sul, as termas da muralha e as termas do aqueduto. Não podemos esquecer que é também neste período que as *domus* de Conimbriga aproveitam espaços externos para a construção dos seus *balnea* privados.

O fenómeno termal não se limitará à sua expressão publica e o crescente desejo de conforto aliado a um enriquecimento de alguns estratos da sociedade levam as termas para o interior da habitação, transformado-as num elemento caracterizante das *domus* abastadas, um sinal claro de opulência e riqueza, para usufruto pessoal mas também para demonstração de poder. Talvez um dos exemplos mais emblemáticos deste processo na Lusitânia encontra-se representado na casa de Cantaber.

A construção da muralha baixo-imperial produz uma alteração radial neste panorama, pois muitos monumentos são sacrificados (o anfiteatro, as termas da zona B, o eventual *forum* municipal). Os sistemas de cenários, drasticamente reduzidos, vêm-se também qualitativamente alterados: a construção das termas privadas na casa de Cantaber representa uma alteração muito importante na forma de relacionamento público da elite, de uma actividade de exposição pública para a recolha no interior da residência por um período mais longo. Passa a haver uma excepção da exposição pública, correspondente à própria evolução socio-política da classe dos *honestiores* que, do tratamento de excepção que lhes passa a ser dado desde o período antoniniano {20}, se torna uma verdadeira nobreza, já auto-sequestrada na sua residência, em breve refugiada nas suas residências rurais.

O facto da cidade ter sido progressivamente abandonada permitiu a preservação das estruturas urbanas, o que nos concede a possibilidade de uma viagem bastante real pelos seus monumentos. Ficaram gravadas as marcas da evolução de uma tipologia de edifícios de todas as épocas pelas quais passou Flavia Conimbriga, fenómeno raro na arqueologia europeia, que motivou este trabalho. Digamos que este é o primeiro passo de uma caminhada que nos levará talvez a contradizer algumas hipóteses interpretativas aqui expostas, o que será sinal de avanço do nosso conhecimento e da investigação em geral.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. e ETIENNE, R., 1977: *Fouilles de Conimbriga I. L'Architecture*. Paris.  
 ALARCÃO, J. e ETIENNE, R. (dir.), 1979: *Fouilles de Conimbriga VII. Trouvailles Diverses. Conclusions Générales*. Paris.  
 COELHO, T.C., 1996: Termas do Aqueduto de Conimbriga. Estudo analítico e comparativo, in *Miscellanea em homenagem ao professor Bairão Oleiro*, Lisboa.  
 CORREIA, V.H., 1993: Cidade e função urbana no Occidente da Lusitânia. In *A Cidade*, Actas I, Lisboa, 61-80.  
 ETIENNE, R.; FABRE, G.; LÉVÉQUE, M. e LÉVÉQUE, P., 1976: *Fouilles de Conimbriga II. Épigraphie et Sculpture*. Paris.





- FERRÃO, L., 1996: A Casa de Cantaber (Conimbriga) Estudo arquitectónico, in *Miscellanea em homenagem ao professor Bairrão Oleiro*, Lisboa.
- GRANT, M., 1994: *The Antonines. The Roman Empire in Transition*, Londres.
- KREENCKER, D., 1929: *Die trierer Kaiserthermen I. Augsburg*.
- LAURENCE, R., 1994: *Roman Pompeii. Space and Society*, Londres.
- NIELSEN, I., 1990: *Thermae et Balnea. The architecture and cultural history of Roman Publics Baths*, Aarhus.
- RAPOPORT, A., 1990: Systems of activities and systems of settings. In Kent, S (ed.) *Domestic Architecture and the Use of Space Cambridge*, 9-20.
- YEGÜL, F., 1995: *Baths and Bathing in Classical Antiquity*. New York.

## NOTAS

- {1} Etienne, Alarcão, 1977; vol 1; 41-50.
- {2} Kreencker, 1929, 234-240.
- {3} Estas termas foram descobertas e parcialmente escavadas pela Direcção Geral de Monumentos Nacionais coordenada por J.M. Bairrão Oleiro entre 1959 e 1961 e finalmente retomadas as suas escavações pela equipa luso-francesa (R. Etienne) em 1969.
- {4} Kreencker, 1929, 234-240.
- {5} Etienne, Alarcão, 1977, 120-121
- {6} Este elemento levanta alguns problemas quanto à sua funcionalidade, talvez tenha sido reaproveitado como uma pequena cisterna de água, mas isto será apenas definido com um esquema de abastecimento de água das Termas da Muralha.
- {7} Etienne, Alarcão, 1977, vol VII, 240-241
- {8} Kreencker, 1929, 234-240
- {9} Possivelmente existiam umas termas privadas na Casa dos Repuxos, contudo desconhecemos a sua localização, temos apenas algumas *tegulae mamatae* provenientes da sua escavação.
- {10} Ferrão, 1996, 189-232
- {11} Coelho, 1996, 83-121
- {12} Kreencker, 1929, 234-240
- {13} O monumento foi descoberto por Virgílio Correia em 1934 e por este inicialmente interpretado como uma hospedaria, este facto deve ter condicionado a sua escavação e talvez a destruição de alguns níveis que nos poderiam ajudar a melhor compreender a articulação de espaços nas Termas do Aqueduto.
- {14} Excepto para a *natatio*, o qual se faz para um canal existente na via que inicia na porta de Aeminium.
- {15} Etienne e Alarcão, 1977; vol II; 38-40, nº 18 actualmente depositada no Museu Monográfico de Coimbra como o nº de inventário 3106
- {16} Alarcão e Etienne, 1979, 253; Correia, 1993, 65
- {17} Rapoport, 1990, 11-17
- {18} Laurence, 1994, 122-132
- {19} Alarcão e Etienne, 1979, 253-254
- {20} Grant, 1994, 155

